

# AGRICULTURA FAMILIAR E ESCOLA RIBEIRINHA DA VÁRZEA DE PARINTINS: O DISTANCIMENTO ENTRE DOIS ENSINAMENTOS

---

*José Camilo Ramos de Souza*<sup>1</sup>

## *Resumo*

Este artigo tem por finalidade mostrar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes ribeirinhos das comunidades de várzeas São Sebastião e Menino Deus, de Parintins, onde eles aprendem trabalhando nos roçados com seus pais e nas escolas o que está estabelecido em uma proposta curricular, com conteúdos que não auxiliam nas práticas diárias. Os conteúdos escolares deveriam ser suportes importantes para que os estudantes pudessem fortalecer seus sentimentos de identidade cultural, valorizando o espaço vivido. As reflexões analíticas apresentadas são resultados de seis anos (2004 a 2006 e 2010 a 2013) de observações *in loco* durante a pesquisa do mestrado e, posteriormente, durante a pesquisa de doutorado. As observações foram realizadas acompanhando os estudantes nas escolas e, também, em atividades fora do horário escolar. Em determinado momento, foi realizado um diálogo livre para que as crianças e jovens (entre 12 e 13 anos de idade), os aprendentes, pudessem expressar suas formas e maneiras de aprender, com liberdade. O percurso de levantamento de dados ocorreu tanto no período da enchente quanto no período da vazante, para visualizar a dissociação entre as duas maneiras de ensinamento e de aprendizagem ocorridas nas práticas diárias (roçado, pescarias e criação) e no convívio escolar (conteúdos ensinados e não praticados). A vida de cada sujeito da várzea é animada pela onda do rio quando derruba o barranco (terra caída) e fertiliza com a deposição sedimentar, o que possibilita maior produção, construindo ensinamentos de saberes experienciados em processos contínuos de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Agricultura Familiar. Escola. Parintins.

---

<sup>1</sup> Geógrafo, doutor, professor da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Correio eletrônico: jcamosdesouza@hotmail.com.

### *Resumen*

Este artículo pretende mostrar el proceso de enseñanza y aprendizaje de los estudiantes de las comunidades ribereñas inundables de Parintins, donde aprenden a trabajar en los jardines con sus padres y las escuelas lo que se estableció en una propuesta curricular, con contenidos que no ayuda en la práctica diaria. El contenido de la escuela debe ser soportes importantes para que los estudiantes puedan fortalecer su sentimiento de identidad cultural, valorando o espacio vivido. Las reflexiones analíticas presentadas son el resultado de seis años (2004 a 2006 y 2010 a 2013) de observaciones in situ durante el máster de investigación y más tarde durante la investigación doctoral. Las observaciones se realizaron siguiendo los estudiantes en las escuelas y también en actividades fuera del horario escolar. En un momento se realizó un diálogo libre para que niños y jóvenes (entre 12 y 13 años de edad), estudiantes, pudieran expresar sus formas de aprendizaje, con la libertad. Ocurrió ruta de datos y encuesta tanto durante el período de la inundación que en el período de reflujos para ver la separación entre las dos formas de enseñanza y aprendizaje que ocurre en la práctica diaria (rayado, la pesca y la creación) y la vida escolar (contenidos impartidos y que no se practica). La vida de cada sujeto de la llanura de inundación está animada por la ola cuando el río baja del barranco (tierra caída) y fertiliza con la deposición de sedimentos, lo que permite una mayor producción, la construcción de conocimiento de la enseñanza con experiencia en procesos de aprendizaje continuo.

**Palabras clave:** Agricultura Familiar. Escuela. Parintins.

### INTRODUÇÃO

A margem esquerda do rio Amazonas, no município de Parintins, é composta por uma grande faixa de terras de várzea. Nessas terras, compondo o verde da floresta, destacam-se pequenos povoamentos, denominados de comunidades, onde o vento não só embala as árvores, mas também a dispersão das sementes e suaviza a vida de pessoas que plantam o seu alimento ensinando os filhos a viver o lugar de vida.

Nessa relação entre os ribeirinhos de várzea e a natureza, é gerado um grau de cumplicidade por um ser parte integrante do outro, o que gera certa dependência, independência e equilíbrio, por haver respeito no uso e consumo dos recursos naturais. Esta afirmativa correspondente ao que os

sujeitos falam, porém, existe pressão externa, direta e indireta, para que as práticas cotidianas coletivas sejam alteradas para práticas individualistas e de extremo consumo.

É perceptível o nível de resistência, porque o sujeito ribeirinho de várzea entende o seu lugar de vida como caminho de possibilidades de sua existência, por compreender que, se usar irracionalmente, os recursos pesqueiros e demais recursos naturais podem se esgotar, e o ribeirinho de várzea será extremamente prejudicado pelas perdas irreparáveis e, muitas das vezes, irreversíveis.

As observações da pesquisa tiveram como objetivo mostrar o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes ribeirinhos das comunidades de várzeas de Parintins. Esta inquietação se deu durante a pesquisa de mestrado e de doutorado por ser percebido que há dois ensinamentos, os quais não se comunicam. O primeiro ensinamento está ligado diretamente às relações familiares, em que a criança aprende a aguçar todos os sentidos, ajudando seus pais; o segundo ensinamento está na escola onde o estudante vai aprender conteúdos de variadas disciplinas. Importante frisar que as observações foram direcionadas apenas aos estudantes de sexto ano, do ensino fundamental.

Os caminhos percorridos para alcançar o objetivo proposto exigiram procedimentos que pudessem materializar o objeto pensado e a concretização se deu durante seis anos (2004 a 2006 e 2010 a 2013) de observações *in loco* durante a pesquisa do mestrado e, posteriormente, na pesquisa de doutorado. As observações foram realizadas acompanhando os estudantes de sexto ano (de 12 e 13 anos de idade), da Escola Municipal Pedro Reis Ferreira, localizada na comunidade do Paraná do Espírito Santo do Meio e da Escola Municipal Tiradentes, da comunidade de Menino Deus, de Itaboraí do Meio.

Os estudantes ou os sujeitos aprendentes foram observados nas atividades escolares e, também, em atividades fora do horário escolar, para melhor analisar as duas formas de ensinamentos existentes na comunidade e para entender porque não há comunicação entre o que os pais ensinam e o que os estudantes aprendem na escola. Em determinado momento, foi realizado um diálogo livre para que os sujeitos da aprendizagem pudessem expressar suas formas e maneiras de aprender, com liberdade. O percurso das observações e de levantamento de dados ocorreu tanto no período da enchente, quanto no período da vazante, pela necessidade de ver se haveria ou não a utilização dos conhecimentos adquiridos na sala de aula nas práticas diárias (roçado, pescarias e criação).

Este artigo está dividido em dois momentos: o primeiro procura evidenciar a realidade da várzea e o que é praticado pelos ribeirinhos, como agricultura familiar, e como a escola pratica seus ensinamentos. O segundo momento corresponde ao processo de ensino e de aprendizagem como base estruturante na preparação da criança para a vida de adulto no seu lugar de vida.

As heranças ensinadas são aprendidas, para serem ensinadas às gerações futuras em um processo contínuo de aprender para ensinar e ensinar para aprender, em que os saberes são bases para fortalecer os sentimentos de identidade e do espaço vivido.

### REALIDADES VARZEANAS, AGRICULTURA FAMILIAR E ESCOLA DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DE PARINTINS

A várzea guarda saber fertilizado durante uma enchente e outra, como possibilidade de produzir conhecimentos a partir de experiências vividas no lugar de vida. Saber construído e socializado dentro do seio familiar e nas relações de ajuda mútua praticadas nas atividades coletivas nos roçados e nas pescarias.

O saber se apresenta na contagem de peixe nos lagos, uma das importantes atividades na várzea, onde a percepção parte da utilização dos sentidos. O primeiro sentido é a visão que permite perceber os mais suaves movimentos na água, demonstrando a existência de peixe sob o capim; o olfato que permite sentir o cheiro do peixe (conhecido como pitiú) no ar, o registro de peixe na área observada; a audição que possibilita ouvir cada movimento ou barulho que o peixe produz na água e isso auxilia no processo de contagem. Uma pessoa inexperiente não conseguirá perceber a existência de peixe e, quem aprendeu acompanhando os experientes moradores do lugar poderá confirmar a importância desse saber aprendido, porque foi praticado. Todo o exercício praticado no lago faz parte de uma verdadeira engenharia, matemática da mente que ajuda a decifrar tamanho, peso e quantidade de peixe no cardume. Os filhos, estudantes das escolas, aprendem com seus pais acompanhando-os pelos lugares de pesca e trabalho.

Nessas viagens de pescaria ou caça, passam a conhecer a liberdade de aprender praticando, em cada gesto ou cada momento experienciado nos lagos ou dentro da mata. Os percursos realizados dentro da mata de várzea

ajudam a conhecer o tipo de vegetação e identificar frutas comestíveis pelo ser humano como, também, pelos animais terrestres e aquáticos. Aprendem a identificar as frutas que servem de alimento para o tambaqui o pacú, o aracú etc. Aprendem a identificar o lago de procriação, manutenção e de comercialização. O lago de procriação é onde ocorre a reprodução dos peixes, praticamente, o mais distante. O lago intermediário passa a ser o lago de manutenção de onde retiram para o alimento, tendo o cuidado para não afetar o equilíbrio. O lago de comercialização é utilizado para a pesca comercial, em que há um acordo de pesca e todos têm direito de retirar em média 300 kg. de pescado para comercializarem e, do dinheiro adquirido, comprar o que necessitam. Importante ressaltar que nem todas as comunidades, com seus comunitários, fazem parte do acordo de pesca, porém, praticam pescaria dentro da racionalidade, por serem moradores do lugar e entenderem que necessitam sempre do alimento básico, o peixe nosso de cada dia, assim expressado pelos aprendentes: “lago, lugar da vida, que nos dá alimento; onde pegamos o que precisamos para comer” (estudante de 12 anos de idade, do sexto ano do ensino fundamental).

Essa visão de equilíbrio e de acordo é quebrada quando a prática passa a ser individualizada e quando há invasão dos lagos por pescadores profissionais que não respeitam os acordos de pesca e, muito menos, o equilíbrio ambiental.

Esse ambiente de produzir saber, também, é ambiente de produzir alimento de curta duração. As culturas de ciclo rápido são propícias às várzeas porque o período de vazante tem a duração de seis meses. No ritmo da várzea, a vida é embalada pela calma de cada lugar, propriamente das comunidades do Divino Espírito Santo, do Paraná do Espírito Santo do Meio e do Menino Deus, de Itaboraí do Meio.

A relação ensino e aprendizagem pode ser visualizada e melhor aprofundada em Souza (2013) que procurou adentrar no universo dos ribeirinhos para, nas suas práticas, entender como socializam seus saberes com os filhos, o que é importante para manter vivo o conhecimento aprendido com as experiências pretéritas e que se manterá no futuro. Esses saberes passam a ser base estruturante de manter vivas culturas agrícolas que podem desaparecer com a prática de monocultura.

No Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável, organizado por Couto (2005, p. 25) trata-se da prática agrícola como garantia, não só econômica, mas para o suprimento alimentar dos ribeirinhos, afirmando que as plantações ocorrem “(...) em solos de restinga (milho, arroz, feijão)

ou nas terras firmes (mandioca, abóbora, feijão e arroz), apresentam produtividade satisfatória (...).”

É importante destacar que, na várzea, produzem tanto no período da vazante quanto da enchente. No período da enchente, fazem uso de balcão suspenso para manter a produção de alimentos para a família e, no período da vazante, produzem para comercializar o excedente.

A relação de produzir e como produzir representa componente importante na construção de conhecimento não aproveitado no ensino escolar. Primeiramente, o conhecimento está ligado à capacidade de conhecer como ocorre o processo de fertilização da várzea, onde os nutrientes são repostos pela decomposição de matéria orgânica e a sua deposição após a enchente. Depois, a verificar a capacidade de produzir na várzea, por entenderem como ocorre a reposição da cobertura vegetal; sabem o que vem a ser uma “várzea alta” e uma “várzea baixa” e como utilizar bem esses terrenos, principalmente os mais altos, que custam mais a submergir. Laques *et al.* (2013, p. 20) diz que

(...) Todo o sistema dos depósitos paralelos em alternância de restingas e áreas baixas ou menos invadidas pelas águas depende das mesmas causas, colonizadas durante as vazantes por uma vegetação luxuriante essencialmente herbácea que representa a primeira fase da regeneração natural da vegetação. O ritmo sazonal entre períodos de ciclos da água alta e baixa (pulso das águas) inicia as condições dos ciclos de plantio, colheita e pesca.

Nesse ritmo, imposto pela água do rio Amazonas, os ribeirinhos aproveitam para cultivar melancia, jerimum, feijão, na “praia”. Plantam no ritmo da vida e de forma coletiva, ao empregarem o esforço da mão de obra familiar, para que possam produzir, pois o tempo de produtividade é determinado pelo período da enchente. Nessa perspectiva, Martins *et al.* (2013, p. 37) dizem que “(...) o emprego e a distribuição da força de trabalho numa unidade familiar são fatores extremamente importantes na sustentabilidade do sistema produtivo. (...)”. Ao envolver todos os membros da família na produção, os ensinamentos são aprendidos na prática de plantar e colher.

Sobre o uso dos recursos naturais da várzea, Pereira (2004) aponta iniciativas de cogestão, porque entende, a partir da literatura científica, que os povos de comunidades tradicionais ou as ribeirinhas possuem capacidade organizativa de monitorar o próprio comportamento do grupo e, com isso, aplicar as devidas sanções acordadas coletivamente, aos que

cometerem atos impactantes negativamente ao ambiente, principalmente aos lagos ou ocasionando queimadas que prejudicam a reposição natural da cobertura vegetal.

A cogestão passa a ser problema quando os proprietários se sentem donos das várzeas como os pecuaristas, que deixam a natureza criar os bovinos e bubalinos. Ao transportarem da terra firme para a várzea no período da vazante (transumância), criam os animais de forma extensiva. A formação dos campos ocorre com a retirada de toda cobertura vegetal, o que elimina a possibilidade de propagação dos vegetais porque não há mais árvores para produzir sementes. É, também, o início da extinção de peixe porque os alimentos tendem a desaparecer. O ribeirinho da várzea entende o funcionamento do sistema, mas o pecuarista além de não entender, o que quer é sempre obter lucro a partir da exploração direta dos recursos existentes, para a sobrevivência de seus animais.

Esses aspectos apresentados, tanto em relação à produção familiar quanto às realidades varzeanas, servem para mostrar as inúmeras possibilidades que existem para serem aproveitados como conteúdo a ser trabalhado no espaço escolar. A escola tem que se mostrar como elo utilizador dos recursos naturais e da agricultura familiar como possibilidades de ensino associando aos conhecimentos sistematizados estudados nas salas de aula.

É preciso entender escola como relações estabelecidas em espaços de construção e sistematização de saberes, a partir de disciplinas já construídas e em constante processo de aperfeiçoamento, como: Ciências (Biologia, Física, Química), Geografia, História, Língua Portuguesa (Letras), Matemática, Artes, Inglês, Educação Física. Estas disciplinas têm os conteúdos projetados para serem ensinados por professores que possuem formação específica. A questão inquietante é por que o ensino dos conteúdos pouco contribui para que os estudantes possam utilizar nas relações diárias nos seus afazeres na comunidade? Resposta que passa por compreender por que a formação dos professores ainda não atende às particularidades e às singularidades de cada lugar.

Assim, o que é ensinado na escola e aprendido pelo estudante fica distante de todo exercício mental de aprendizagem que a criança aprendente faz com as atividades que executa com o pai ou com a mãe. Há uma necessidade urgente de pensar um currículo de construção coletiva que atente para essa especificidade de ensinar e aprender, como processo de transformação e fortalecimento de todo sentimento de identidade cultural do estudante ribeirinho.

## APRENDENDO A APRENDER PARA ENSINAR A VIVER: LIÇÕES PRATICADAS NAS ATIVIDADES DIÁRIAS NA AGRICULTURA FAMILIAR E NA ESCOLA

As lições praticadas e aprendidas nas relações de pescaria, de agricultura e de reconhecimento das vegetações ou paisagens da várzea, precisam ser associadas aos conhecimentos sistematizados e trabalhados para serem aprendidos na sala de aula.

No processo argumentativo, demonstrado na parte primeira deste artigo, no sentido de que possa haver uma visualização geral do ribeirão e suas atividades diárias na várzea e na escola, procura-se revelar, através de reflexão, o que se estuda e para que serve o que foi aprendido nas escolas e nas comunidades ribeirinhas de Parintins, propriamente Divino Espírito Santo, do Paraná do Espírito Santo do Meio e do Menino Deus, e da comunidade de Itaboraí do Meio.

As experiências podem ser sistematizadas porque são concretas, tendo como referência a educação popular e a organização dos movimentos populares, os quais partem de discussões e acertos coletivos para que possam caminhar com segurança na vida comunitária. Entretanto, na realidade, se procura eliminar essas experiências para que sejam mantidas práticas individualizadas e de interesses particularizados e não mais as coletivas, levando ao desaparecimento da ajuda mútua, como o puxirum, ajuri ou mutirão.

Na prática de ajuda mútua, ou puxirum, podem ser trabalhados os conteúdos: divisão social do trabalho, onde se destaca a divisão sexual do trabalho e gênero, o que conduz a entender até a divisão internacional do trabalho. O conhecimento parte de uma prática exercida nas comunidades, em atividades de agricultura familiar, no espaço vivido. Ligado à agricultura familiar ou a pesca, pode ser trabalhado modos de produção: primitivismo, escravismo, feudalismo, capitalismo e socialismo; pode ser ainda trabalhado os meios de produção: as terras de várzeas; as relações de produção, relação patrão/empregado; meia; parceria ou produtor/consumidor. Pode ser estudada a organização do espaço a partir do lugar de produção. Em matemática, pode-se estudar os sistemas de medida, como: proporção, escala, fração e, principalmente, matemática financeira.

Nessa possibilidade de ensinar para aprender a ensinar, tudo que for praticado pode ser sistematizado e, para tanto, precisa ser concretizado porque “estas experiências são processos sociais *dinâmicos*: em permanente mudança e movimento. São também processos sociais *complexos*, em que se



interrelacionam, de forma contraditória, um conjunto de fatores objetivos e subjetivos” (Holliday, 2006, p. 21).

Há um distanciamento entre o saber formal e o saber construído a partir das experiências socialmente exercitadas ou repassadas de gerações a gerações, como processo de manutenção do conhecimento sobre a Amazônia e, principalmente, sobre o banco genético existente e utilizado por quem dele precisa, os povos de comunidades tradicionais e indígenas. Esse saber precisa ser cada vez mais praticado para não ser esquecido e, por isso, precisa ser trabalhado na sala de aula para que se mantenha sempre vivo na mente de quem aprendeu praticando. Nesse sentido, Nogueira (2014), em seu livro *Percepção e representação geográfica: a “geograficidade” nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas*, procura mostrar a experiência vivida e o saber individual e socialmente construído no vale amazônico, conduzindo o leitor a refletir sobre a relação homem-natureza no sentido da unidade e evidenciando como os moradores conhecem o seu lugar de vida. A partir do “mapa mental” permite uma viagem pelo universo do Careiro da Várzea, deixando claro que qualquer pessoa que vive no lugar traduz o conhecimento percebido porque o conhece, conduzindo a comprovação e a sistematização pela ciência. Se a ciência procura dar resposta ao saber construído nas inúmeras experiências, falta à escola se apoderar ou se aproximar desses conhecimentos e fazer deles conteúdos a serem trabalhados na sala de aula e, por sua vez, serem utilizados nas relações diárias, pelos estudantes das escolas das comunidades ribeirinhas.

O que se percebe é a falta de ousadia no ato de ensinar; há que se abrir a expectativa de leitura contextualizada do mundo vivido, em cada etapa da vida pessoal, social, cultural e até mesmo, da vida profissional. A sala de aula passa ser não mais um lugar de reprodução de conteúdo pronto e acabado, mas que pode ser ressignificado quando se abre a perspectiva de um olhar sobre os recursos didáticos existentes na comunidade. Porque em cada comunidade há meios e possibilidades de avançar na construção de reflexões analíticas, ajudando o estudante a ser autônomo e independente, em que o processo de construção de si mesmo cresce porque o ajuda a ser o que pretende na sua vida de adulto. Nessa perspectiva o pensar de Kaercher (2014, p. 63) chama a refletir todo o processo de ensino e aprendizagem, quando fala:

Cremos que todo educador, ao se deparar com um grupo de alunos, vá além dos conhecimentos de sua disciplina; é desejável que ele repense constantemente os fundamentos norteadores do seu que fazer; enfim, que ele faça filosofia quando lecionar Geografia; que faça da Geografia uma forma de filosofar.

É essa vontade de ultrapassar o limite da disciplina que necessita encarar o professor da escola ribeirinha, para poder ver, no roçado ou no balcão suspenso, caminhos de possibilidades para dar sentido ao conteúdo ensinado; abrir perspectiva para que o estudante ao aprender praticando com seu pai, o faça associando com o que aprendeu na escola, com o exercício mental matemático, por exemplo, de contar peixe ou quanto pode produzir em um hectare.

Não é fácil vencer o que se costuma fazer diariamente, até porque as mudanças metem medo ou exigem sair do comodismo, mas é preciso ousar em fazer uma educação de construção diferenciada de conhecimento. Nessa relação, compreender a várzea como um sistema dinâmico, é procurar entender a própria maneira de viver a sazonalidade do rio; não que a enchente e a vazante sejam determinantes mas, sim, formas e maneiras de aperfeiçoar a observação e o aprendizado sobre a sazonalidade e a dinâmica do rio. Entender que, quando a cheia é grande, permite um maior repovoamento dos lagos e quando a vazante é que é grande, ela permite uma maior captura de peixe.

As falas dos estudantes demonstraram como gostam do seu lugar de vida porque nele possuem a liberdade de ir e vir sem a preocupação existente na cidade. A liberdade de aprender está no ato de colocar e retirar a malhadeira; de usar a tarrafa para pescar; de usar a Física, sem saber, quando pescam de arco e flecha; de perceber o quanto são fortes quando remam para movimentar a canoa contra a correnteza do rio Amazonas. Demonstram, assim, as razões de gostarem de estar nas suas comunidades, aprendendo a liberdade e o exercício de sua vida em sociedade. Aproveitam a percepção de plantar em forma de consórcio para ter um aproveitamento maior e, até mesmo, combater as pragas, seguindo a dinâmica da heterogeneidade da floresta amazônica que se autoprotege, se autossustenta e mantém o equilíbrio e a biodiversidade.

É nessa leitura dinâmica que se aproveita do que se tem próximo para educar para a vida as gerações atuais e se prepara uma educação com significado para as gerações futuras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos percorridos para mostrar duas formas de ensinar e aprender – a escolar e a familiar, diariamente – permite concluir que a prática de ensino adotada pelos pais é eficaz porque o estudante aprende praticando.

Esse ato de aprender praticando é uma preparação para vida futura, pois um dia os filhos terão que conduzir sua vida sozinhos ou, quando se casarem, vão estar preparados para ensinar seus descendentes a viver no lugar de vida.

A escola tem a responsabilidade de conduzir o ensino de conteúdos sistematizados para que o estudante possa adquirir uma leitura ampliada de sua realidade e ler também outras realidades distantes, que refletem diretamente no seu lugar de vida, porque há uma inter-relação do local com o global.

Ficou evidente a falta de comunicação entre as duas formas de ensinar. A escola poderá passar a conhecer melhor toda atividade familiar e coletivamente passar a construir novos conteúdos associados à prática de produção familiar.

As reflexões analíticas trazidas nas linhas escritas são lições que precisam ser exercitadas para que possam ajudar a transformar a realidade de várzea em um lugar de aprendizagem contínua; para que possam ajudar a aperfeiçoar a prática pedagógica e enriquecer o aprendizado de cada estudante, o qual poderá levar tudo o que aprende na escola para sua vida cotidiana e para que cada sujeito ribeirinho, seja professor, estudante ou pai, possa se tornar outro educador, se mantiverem um elo de comunicação.

A realidade varzeana, a agricultura familiar e toda atividade escolar carecem de estudos mais aprofundados para se encontrar um caminho de aproximação e comunicação das duas formas de ensinamento e assim transformar o lugar de vida em um lugar de aprender para ensinar, e ensinar para aprender, na dinâmica do próprio rio Amazonas e no geossistema de várzea.

## REFERÊNCIAS

- COUTO, R. (org.). Plano Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável: Parintins – AM, 2005-2012 / Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, Projeto de Apoio aos Pequenos Produtores Rurais do Estado do Amazonas – Manaus: Ibama, ProVárzea, 2005.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. *Para sistematizar experiências*. Tradução de Maria Viviana V. Resende. 2ª ed. revista. Brasília: MMA, 2006.
- KAERCHER, Nestor André. *Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia Crítica*. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

- LAQUES, Anne-Elisabeth *et al.* As políticas públicas e os efeitos sobre as estratégias de gestão de recursos: o caso do Alto Solimões, Amazonas, Brasil, *in*: NODA, Hiroshi *et al.* *Dinâmicas socioambientais na agricultura familiar na Amazônia*. Manaus: Wega, 2013.
- MARTINS, Ayrton Luiz Urizzi *et al.* Agricultura familiar tradicional no Alto Solimões: uma contribuição à discussão sobre indicadores de sustentabilidade, *in*: NODA, Hiroshi *et al.* *Dinâmicas socioambientais na agricultura familiar na Amazônia*. Manaus: Wega, 2013.
- NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. *Percepção e representação gráfica: a geografia nos mapas mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas*. Manaus: Edua, 2014.
- PEREIRA, Henrique dos Santos. *Iniciativas de cogestão dos recursos naturais da várzea – Estudos do Amazonas – Estudo estratégico Analítico*. Manaus: Ibama/ProVárzea, 2004.
- SOUZA, José Camilo Ramos de. *A geografia nas escolas das comunidades ribeirinhas de Parintins: entre o currículo, o cotidiano e os saberes tradicionais*. Tese (Doutorado em Geografia Física) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2013.